

# SOBRE A AUTORA

---

Por William Soares dos Santos

**Paula Isabelle** possui uma escrita refinada que tende à reflexão apurada dos comportamentos humanos em sua dinâmica existencial. Lendo Paula, somos tentados a comparar a sua escrita com aquela de autores com a tendência a refletir sobre a condição humana como, por exemplo, Clarice Lispector. Sem ser moralizante, a sua escrita pode nos remeter, também, à filosofia de Hanna Arendt, principalmente porque explora elementos como os limites e as implicações de nossas ações no mundo público e no privado e o quanto somos responsáveis por elas.

**Sobre o seu conto:** Em seu conto “Humanidade”, a escritora explora as consequências da violência, ao mesmo tempo em que nos leva a questionar o sentido de “humanidade” atribuído por diferentes personagens a partir do confronto de suas distintas perspectivas em que testemunham experiências de violência. A autora conta com a cumplicidade dos leitores, em um jogo no qual ela lhes revela a totalidade da trama, enquanto deixa aos personagens a compreensão limitada de suas experiências.



**PAULA**  
ISABELLE

# [03]



## Humanidade

*Paula Isabelle*

João estava sentado no banco da praça enquanto fitava o chão. De longe avistou o que devia ser uma barata. Parecia grande. Movido pela curiosidade jovial, aproximou -se do ser rastejante que lhe fazia retorcer o estômago. Logo viu que se tratava não de uma, mas sim, duas baratas. A mais repugnante de todas vinha vagarosamente, como se doente, estivesse sendo guiada pela segunda, a menos asquerosa, talvez porque fosse a menor. O menino pensou em quão insignificantes eram aquelas duas coisas diante de seus pés. Como eram diferentes dele, com seus braços, pernas e olhos. E decidiu, na sua grandiosidade, divertir-se com os dois insetos, que inocentes nada sabiam - ou pareciam não saber - de sua existência.

Pegou primeiro um pauzinho que estava caído pela grama verde e com ele cutucou de leve a inválida. A barata maior, caso alguém tenha se esquecido. Ela tremeu ao contato da madeira, mas, não correu. Acho que não conseguia agir rapidamente. Sua parceira, por expansão vibrátil do toque, também estremeceu. Parou. Como quem sente que algo está errado, virou a cabecinha de um lado para o outro. Naquele instante, parecia decidir o que fazer. Até que correu, sumindo de vista. No entanto, é preciso dizer que, antes de sua fuga, hesitou em deixar sua amiga debilitada para trás. Tinha algum princípio de humanidade. Quero dizer... se bem que era uma barata. Não importa. Tentou ajudar a outra, aquela que João decidiu cutucar primeiro, porque além de ser grande lhe pareceu a mais frágil, lerda e horrenda. No fim, restou apenas a condenada e seu algoz, ou melhor, não vamos fazer juízo de valor, eram apenas a barata e João. A sós, no parque.

No auge de seu poder, o garoto decidiu aplicar o que podia ser o melhor método de estudo daquele serzinho. Pensou, de início, em pisar na pobre barata, tão menor que ele. Mas, concluiu que seria uma morte rápida. Sem graça. Foi então que, munido com o pauzinho, separou uma a uma as patinhas daquele bichinho tão feio. Porém, já que aquela ínfima partícula de vida não demonstrou resistência, cansado, imaginando-se prefeito de uma cidade sem qualquer diversão, encerrou os negócios políticos e deu cabo do inseto. Imediatamente, a barata menor, que tinha sumido - não se sabe de onde veio - reapareceu correndo, em desespero, para junto da defunta.



Como se fosse dono da vida, ou na verdade, a materialização da própria morte, João decidiu o destino da segunda vítima, da mesma maneira como fez com a primeira. Não é necessário descrever em detalhes o horror que se sucedeu, mas adianto que os dois corpinhos ficaram no chão. Sem parentes, suas iguais, para velar os cadáveres. Só as formigas que vieram recolher os restinhos e dar nova vida, mesmo que indireta, às baratas, através da antropofagia. O reino animal tem seus encantos! Assim, formou-se uma fila de trabalhadoras muito dispostas, quase cegas no cumprimento de seus esforços.



Enquanto isso, o executor ia de consciência limpa pela rua abaixo, rindo-se por ser muito diferente dos insetos. Nesse momento, cruzou com um grupo de garotos, maiores, mais velhos e muito mais fortes que ele. Deviam ter alguns cinco, talvez seis anos a mais. Já os conhecia. Perguntaram qual era a graça de que João tanto ria. Estatelou, paralisado e em silêncio. Estava com medo. Tiraram abruptamente o pauzinho que carregava nas mãos, troféu do espetáculo anterior. Ele tentou recuperar seu objeto. Tomou um soco em resposta. Caiu. Depois um chute. Até que ameaçaram dar outro. Ele se encolheu. Porém, os meninos desistiram de continuar com as agressões. Imagino que viram que dali não tirariam mais nada. Então jogaram o graveto no chão, pisaram na madeira, partindo-a em migalhas e saíram gargalhando. Sem qualquer remorso. Duas meninas que vinham logo atrás viram a cena e tentaram correr para ajudar, mas perceberam que já era tarde. O menino, que levava a camisa encharcada de sangue, os olhos chafurdando em água, levantou-se e correu para longe.



As duas amigas, que nada sabiam sobre o motivo da agressão anterior, tiveram que continuar o caminho. Entraram na pracinha e avistaram uns pontinhos que, unidos, formavam linhas em movimento. Se aproximaram da fila instável até que compreenderam que era composta por formigas. Apertaram os olhos para discernir, com algum esforço, que algumas delas carregavam nas costas o corpo de uma barata. Se bem que parecia enorme. Ou era mais de uma? Não sabiam. Mas, lá iam as operárias com todo o peso de outra vida sobre o corpinho pequeno. As garotas ficaram por uns segundos admirando a cena. Na verdade, estavam assustadas. Acharam aquilo tudo muito estranho, então uma delas comentou:



- Credo, será que as formigas mataram a barata?





A outra horrorizada:

- Sei lá, melhor não saber.... É nojentol!

Olharam-se por um instante até que se reconheceram humanas. Carne, sangue, músculos e ossos. Perceberam que o que se passava diante de seus olhos, uma carnificina, era coisa de seres pequenos. Foi por isso que uma delas, inconscientemente, concluiu:

- Ainda bem que a gente não é assim.

A amiga concordou:

- Claro que não, a gente não mata uns aos outros. Eca! A natureza que é estranha.

Preferiram sair de perto daqueles seres enfurecidos para brincar com calma na praça. Olharam ao redor na procura de um lugar com sombra e, por acaso, avistaram, distante, o menino que apanhou minutos atrás. Soltaram um suspiro de pena. Pobrezinho. Permaneceram por alguns segundos pensando na crueldade da situação; não sem antes pisar em uma ou duas formigas que, perdidas, atreveram-se a cruzar o caminho. E assim, os restos dos insetos ficaram - não se sabe por quanto tempo - sobre a terra, como uma lembrança da nossa humanidade.

---

